

REFLEXÕES ACERCA DE *HISTOIRE DE L'ŒIL*: IMAGENS E REFERÊNCIAS

Maria Cláudia Rodrigues Alves

Tout homme qui a l'œil ouvert sur la vie et qui la voit palpiter sous l'épiderme des choses, tout homme qui voit les substances et qui les aime, a dans le fond de son être un peintre qui sommeille.

51



*Odilon Redon*¹

Revisitar Bataille e sua obra *Histoire de l'œil* nos conduz inevitavelmente a uma viagem por nossos próprios fantasmas, referências e uma série de imagens. Imagens que foram precursoras da fotografia de Man Ray, que, por exemplo, ilustra sutil e impecavelmente a recente edição de *História do olho* da editora Cosac Naify (BATAILLE, 2012, capa), ou das fotos que serviram de estudo a Hans Bellmer para ilustrar obras de Bataille. A releitura passa sempre pelos primeiros sobressaltos diante da crueza do relato e pouco a pouco vai se remodelando no que o próprio Bataille descreveu como o “essencial da narrativa”, em citação recuperada por Eliane Robert Moraes e inserida em sua brilhante introdução “Um olho sem rosto”, na qual lembramos ainda, entre outras, as considerações de Vargas Llosa sobre a dimensão fantasmagórica dos escritos de Bataille (BATAILLE, 2012, p. 9-16). Nosso percurso é inicialmente incerto, mas pleno de *flashes* que contemplam, sobretudo, nossa memória visual, um pouco do erótico transgressor e também do fantástico. Nesse sentido, ao revisitarmos, pois, Bataille, optamos dar livre curso à rede associativa que surgiu de nossa releitura e motivou-nos a realizar este escrito, permitindo, assim, que nossas referências visuais relacionadas ao erotismo aflorassem, nesse novo momento em que reencontramos Bataille e sua *História do olho* e compartilhando um pouco de nossos devaneios. Tratam-se, pois, essencialmente, de algumas reminiscências transgressoras em pintura, alvo de nossas pesquisas atuais que, esperamos, possam provocar o

interesse e a curiosidade do leitor, incitando-o a aprofundar posteriormente as informações aqui colocadas. Pode parecer bizarro ao leitor que duas referências tão distintas surjam a nós de imediato, porém, vale salientar que, em busca da “essência” em pintura, tanto Gustave Courbet quanto Edouard Manet chocaram esteticamente seus contemporâneos. Mais de uma vez Courbet havia surpreendido o público e os pintores mais tradicionais com seus nus femininos sensuais e realistas (como com *Le sommeil/O sono*), no entanto, o perturbador *L'origine du monde/A origem do mundo*, realizado sob encomenda para figurar na coleção particular do diplomata Khalil-Bey, existiu na clandestinidade, encoberto por outras pinturas, e passou de mão em mão até ser apresentado ao público somente em 1988, em Nova Iorque. Não é à toa que o quadro pertenceu ao psicanalista Jacques Lacan, antes de sua entrada no Musée d'Orsay, em 1995.

Já a tela *L'asperge/O aspargo*, nasce de um acontecimento que se tornou anedota no meio artístico: Manet realiza para Charles Ephrussi uma natureza morta na qual figura um maço de aspargos (*La botte d'asperges/O maço de aspargos*). Muito satisfeito com o resultado, envia mil francos ao pintor em vez do combinado, oitocentos francos. Com muito humor, Manet pinta um único aspargo sobre uma mesa de mármore e envia a Ephrussi com o recado de que faltava um aspargo ao maço: *Il manquait une asperge à votre botte*. Georges Bataille dirá a respeito desse único aspargo que não se tratava de uma natureza morta como as outras, pois transbordava de vivacidade, revelando a essência da pintura, sendo o objeto apenas pretexto à arte em si. (BATAILLE, 1955).



L'origine du monde (1866)



L'asperge (1880)

À parte esses devaneios iniciais, nossas referências nos conduziram a um artista contemporâneo de Courbet e Manet, aficionado por literatura e para quem o OLHO é elemento essencial na composição e seus primeiros trabalhos, sobretudo nos que consagrou a Edgar Allan Poe e, em seguida, a Baudelaire: estamos falando de Odilon Redon, cuja obra, em sua fase dos *noirs*, foi onírica e fantasmagórica, tendo inspirado as vanguardas do século XX.



Vision (1883)



Une vision première essayée L'œil au pavot (1892)
dans les fleurs (1883)



O pintor simbolista foi um grande leitor e homenageou Edgar Allan Poe em 1882, realizando seis litografias (mais o verso da capa), nas quais o OLHO se destaca desde a primeira e torna-se obsessão, *leitmotiv* de sua obra. Assim, o olho é para Redon “espelho do universo, testemunha, silenciosa e portador da criação” (NOCE, 2011, p. 77). Na segunda metade do século XIX, o olho está diretamente ligado tanto à evolução cientificista, pois através dele e de novas versões de equipamentos nos é possível melhor observar o macro e o micro, quanto à ideia de perfeição do criador defendida pela Igreja Católica em contraponto aos darwinistas. O olho é, pois, em sua complexidade e perfeição, um órgão essencial ao progresso científico, ao evolucionismo, ao mesmo tempo que serve de pretexto às teorias criacionistas. Redon explora essa tensão em seus desenhos. As figuras híbridas que muitas vezes resultavam de teorias de cientistas como as de Lamarck, tornam-se gentis ciclopes para Redon.

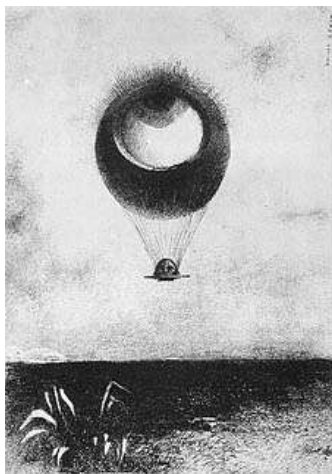


Le polype (1883)



Polyphème et Galatée (circa 1914)

O olho, como podemos ver tão bem nas pranchas dedicadas a Poe, pode ser “o do pesadelo, da loucura, do suicídio ou assassinato primitivo, versificado por Victor Hugo ou ainda aquele que fica espreitando atrás da porta de Poe” (NOCE, 2011, p. 77).



L'oeil, comme un ballon bizarre se dirige vers l'infini



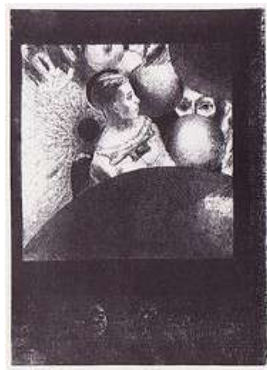
Devant le noir soleil de la mélancolie, Lenor apparaît



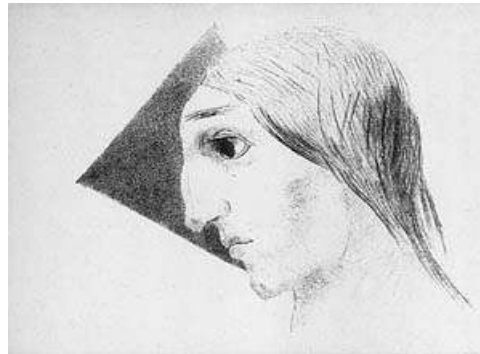
Un masque sonne le glas funèbre



A l'horizon, l'ange des certitudes, et, dans le ciel sombre un regard interrogateur



Le souffle qui conduit les êtres est aussi dans les sphères



La folie



Verso da capa

Já em as nove águas-fortes realizadas para *As flores do mal*, em 1890, o olho, quando presente, mal aparece aberto (apenas um rosto na sexta imagem apresenta os olhos abertos), torna-se discreto, prevalecendo a sensualidade e o aspecto onírico, além de uma certa melancolia. Na última estampa, *Cul-de-lampe*, título que indica o procedimento utilizado para finalizar o conjunto, vemos literalmente o movimento de uma pena na estranha composição que parece ser uma flor, com olhos negros sem pupilas cujo caule termina no “R” de Redon. *Cul-de-lampe*, última prancha dedicada a Baudelaire, apesar da grande diferença em ter os dois conjuntos, dialoga com a primeira prancha dedicada a Poe devido à construção de formas bizarras inventadas pelo pintor, órgãos separados do corpo e inseridos em outro contexto. A fragmentação do corpo mostra a incompletude dos seres, e são túneis de passagem para outras dimensões, para os sonhos talvez, para o cosmos, em busca de uma unidade perdida. Para Redon, tudo está no olhar, mas, em geral, os olhos são solitários, únicos ou num perfil.



Capa - frontispício



Je t'adore à l'égal de la voûte nocturne, ô vase de tristesse, ô grande taciturne!



*Parfois on trouve un vieux flacon qui se souvient,
d'où jaillit toute vive une âme qui revient*



*Si par une nuit lourde et sombre, un bon
chrétien, par charité, derrière quelque vieux
décombe, enterre votre corps vanté*



Volupté, fantôme élastique!



*Sur le fond de mes nuits, Dieu, de son doigt
savant, dessine un cauchemar multiforme et sans
trêve*



Sans cesse à mes côtés s'agite le démon



*Gloire et louange à toi, Satan, dans les hauteurs
du ciel où tu régnes, et dans les profondeurs de
l'enfer, où vaincu, tu rêves en silence!*



Cul-de-lampe

Redon chamava seus desenhos consagrados a obras literárias, mesmo os encomendados (para os escritos de Émile Verhaeren, Huysmans, Flaubert...) de “traduções”, “interpretações” e nunca de “ilustrações”. Após sua morte, um caderno com textos de sua autoria foi encontrado e só recentemente foi publicado na França. Nesses textos, de um amante da literatura que se aventurou a escrever, mas que manteve suas modestas experiências escondidas, o OLHAR também é protagonista.

Dentre os artistas que ilustraram a obra de Georges Bataille, destacam-se André Masson, Hans Bellmer e Jean Fautrier. Seja pela presença do olho, do ovo, do sol, seja pela sutileza das linhas que percebemos em algumas das pranchas de *Fleurs du mal*, seja pelo aspecto fantasmagórico, seja pelos membros fragmentados e pelos olhos solitários em busca de uma unidade, ilustrações eróticas consagradas à obra de Bataille nos remetem, inevitavelmente, à de Redon, um dos precursores das ousadias do século XX.



Hans Bellmer
Histoire de l'œil / Madame Edwarda



Hans Bellmer
Madame Edwarda

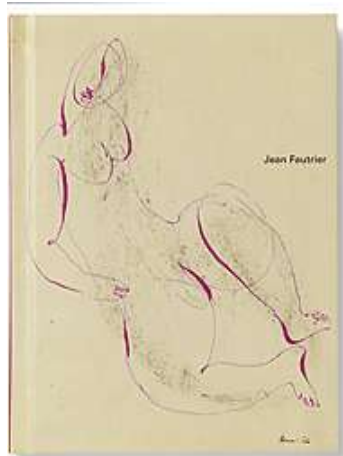


Hans Bellmer
Histoire de l'œil (1947)



André Masson

Histoire de l'œil (1928)



Jean Fautrier

L'Alleluiah, catéchisme de Dianus

*

MARIA CLÁUDIA RODRIGUES ALVES

Professora Assistente Doutora em Língua e Literatura Francesa da UNESP-IBILCE, Campus de São José do Rio Preto. Dedicada-se à pesquisa de textos e paratextos, literatura contemporânea e violência, recepção de literatura brasileira traduzida e relações Brasil-França.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, G. *Manet: Études biographique et critique*. Paris: Éditions Albert Skira, 1955.

_____. *Histoire de l'œil*. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1967.

_____. *História do olho*. Tradução de Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

NOCE, V. *Odilon Redon dans l'œil de Darwin*. Paris: Éditions de La RMN-Grand Palais (L'Inattendu), 2011.

REDON, O. *À soi-même: journal 1867-1915*. Paris: José Corti, 2011a.

_____. *Odilon Redon: Prince du Rêve – 1840/1916*. Paris: Éditions de la RMN-Grand Palais/ Musée d'Orsay/ADAGP (catalogue d'exposition), 2011b.

IMAGENS

MANET.

http://www.musee-orsay.fr/fr/collections/oeuvres-commentees/recherche.html?no_cache=1&zoom=1&tx_damzoom_pi1%5BshowUid%5D=99996. Acesso em 20 de julho de 2012.

COURBET.

http://www.musee-orsay.fr/fr/collections/oeuvres-commentees/recherche.html?no_cache=1&zoom=1&tx_damzoom_pi1%5BshowUid%5D=2406. Acesso em 20 de julho de 2012.

REDON/CYCLOPE. <http://luths.hautetfort.com/tag/cyclope>. Acesso em 18 de julho de 2012.

http://2.bp.blogspot.com/-97c8jOCPKuw/Tnk3r3VjYPI/AAAAAAAAACWg/q2XRdPGJ6yE/s1600/redon_cyclops.jpg. Acesso em 18 de julho de 2012.

ODILON REDON/POE. <http://lechantedupain-odilonredon.blogspot.fr/p/edgar-poe-1882.html>. Acesso em 20 de julho de 2012.

ODILON REDON/BAUDELAIRE. http://www.maitres-des-arts-graphiques.com/-EXBf_Archives.html. Acesso em 20 de julho de 2012.

ANDRÉ MASSON. <http://drytoasts.wordpress.com/2010/02/>. Acesso em 15 de julho de 2012.

HANS BELLMER. <http://edencash.forumactif.org/t682-georges-bataille-erotisme-et-transgression>. Acesso em 15 de julho de 2012.

<http://annefrancoisekavauvea.blogspot.com.br/2010/09/sous-le-ciel-etoile-le-mal.html>.

Acesso em 15 de julho de 2012.

62

JEAN FAUTRIER. <http://www.communicart.fr/les-catalogues/un-catalogue-bjean-fautrier-pour-la-galerie-di-meo/>. Acesso em 16 de julho de 2012.

1 Imagem : REDON, O. *Vision*. 1879. www.wikipaintings.org. Acesso em 12 de janeiro de 2012.
Texto: REDON, O. *À soi-même*: journal 1867-1915. Paris: José Corti, 2011; p. 160.